



Fonte: http://ajencuba.blogspot.com.br/2011_02_01_archive.html



O SOCIALISMO EM CUBA

Não há dúvidas de que minha maior vontade, vindo a Cuba, era formar uma opinião sobre a experiência socialista que esse povo vive, precisamente, há 52 anos completos. Como eu sei que são 52 anos? Nem é preciso ir até 1959, ano em que Fidel tomou o poder, para fazer a conta, porque todo o país está pleno de cartazes, informando o quanto os cubanos se regozijam por estarem vivendo o 53º. Ano da Revolução.

Qualquer registro que eu faça, neste diário, é muito parcial, é absolutamente insuficiente, porque não sabemos raciocinar, segundo a lógica dessa experiência. Além do mais, não se trata de uma, mas de várias experiências porque, conforme a geração de um cubano, ele vê o socialismo de um modo, conforme o extrato social a que ele pertencia, antes da revolução, ele a vê segundo uma perspectiva.

Procurei ouvir várias pessoas. Ao Eduardo, cansei de tanto perguntar, já estava com medo que ele me pedisse para parar de fazer questões. Não há motorista de táxi que tenha nos servido, ao qual não fizemos perguntas. Procurei observar ao máximo. Afinal, na volta para o Brasil, na viagem entre Havana e a Cidade do Panamá, ouvimos a opinião de uma jovem argentina que há cinco anos está fazendo a Faculdade de Medicina, na Universidade de Havana.

Uma primeira conclusão é que eles apreciam o regime político cubano. De dois pontos de vista, é fácil compreender porque a experiência socialista é tão bem aceita por eles. O primeiro se refere ao fato de que a ditadura de Batista era o que eles mesmos denominam como "sanguinária". Ele mandava fuzilar, nos espaços públicos mesmo, quem se levantasse contra seu governo. Eduardo se lembra que era pequeno

e tinha 10 anos, quando Fidel, Guevara, Cienfuegos e o pequeno grupo de revolucionários tomaram Havana e Batista fugiu carregando o máximo de dinheiro que podia. Segundo ele, foi uma sensação muito boa, de alívio, de fim do medo, de possibilidade de uma nova Cuba.

Ele pertence a uma família que tinha boa situação econômica. Seu pai era alto funcionário da Coca-Cola em Cuba, seu avô foi industrial, seu tio tinha vários negócios e, do ponto de vista econômico, a revolução significa muitas perdas materiais, mas ele afirma que foi bom. Eduardo me parece um pouco precavido demais (é uma impressão), o que me deixa dúvidas se ele teria liberdade para falar mal da revolução a um estrangeiro.

Outro fator que ajuda a compreender o apoio ao governo Fidel está na bonança que os cubanos viveram, enquanto tiveram apoio soviético até que Fidel começou a discordar da linha das mudanças que vinha ocorrendo na URSS. Para os cubanos, foi possível ter saúde e educação de boa qualidade, e o estímulo às artes e aos esportes oferecia um ambiente muito positivo para todos. Além do mais, as informações sobre o outro lado do mundo, estavam quase sob controle, antes da internet.

A ideia de que seria possível fazer uma nação melhor, não era contraditada por nada, até o final dos anos de 1980, em que pesem as dificuldades da falta de combustível, que se estendera desde meados dos anos de 1970, quando a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) resolvera subir os preços deste produto no mercado internacional.

Mais que isso, parece jogar um papel importante o trabalho efetivo de “educação” cívica lembrando aos cubanos que, desde o domínio espanhol, eles vinham lutando pela liberdade.

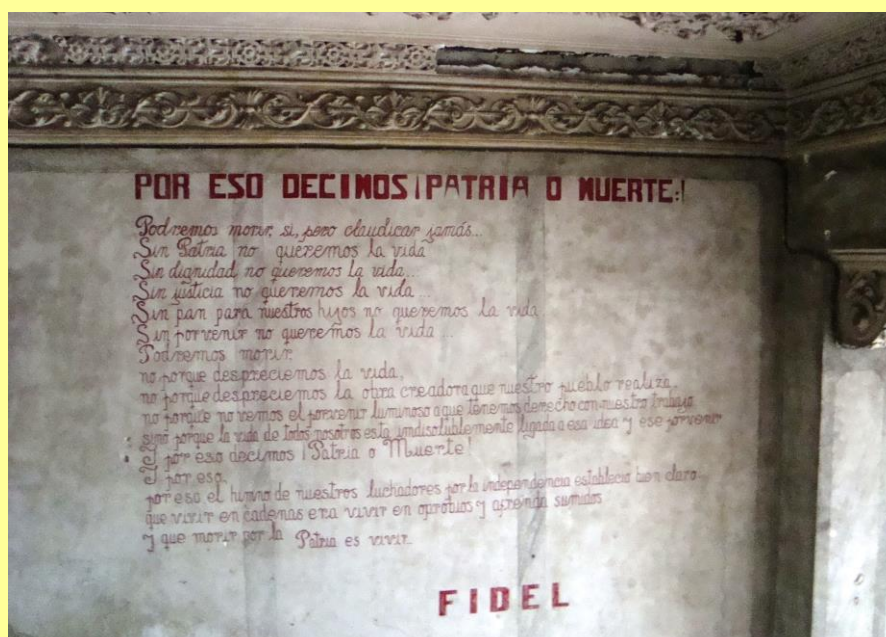
Por todos os lugares, sempre há alguma mensagem “educativa” fazendo os cubanos lembrarem-se da importância da revolução. Esse “espírito” parece ter sido reforçado, a partir do “período especial”, ou

seja, desde quando Cuba deixou de ter apoio soviético e, com isso, tem enfrentado muitos desafios para enfrentar a crise econômica e de abastecimento que marca os últimos 20 anos.



O cartaz ao lado está afixado na biblioteca do CEDEM, pertencente à Universidade de Havana, e ele sugere uma identidade forte entre a universidade e a vida revolucionária, como se coubesse a cada estudante manter a revolução, como a foto de Fidel convida.

Na foto inferior, um trecho de sua fala, registrada na parede do segundo piso da edificação onde está o Paladar La Guarida. Neste piso, estão famílias muito pobres, pelo que observei e me pergunto se elas grafaram esses dizeres ou foi gente associada ao governo que o fez.





Acima, painel que está na entrada de Cienfuegos, cidade média, fazendo lembrar aqueles que lutaram pela liberdade cubana. Em seguida, painel em rodovia, lembrando a condição americana dos cubanos, havendo aí, parece-me, uma mensagem subliminar aos estadunidenses, para os quais a América são eles.



Por isso, os painéis educativos não têm, apenas, o objetivo de fazer lembrar os heróis do passado, reforçar o papel protagonista dos que lutaram pela revolução, mas também têm, efetivamente, a função de levantar a “moral da tropa” para enfrentar o “período especial”.

Por toda Cuba, são vistos painéis, conclamando os cubanos a vencerem as dificuldades econômicas e a refazerem a revolução com suas ideias, mantendo-se fiéis aos princípios que a orientaram nos anos de 1950. Não há dúvida que a revolução é fato para se comemorar, visto que, mesmo com apoio dos Estados Unidos, o ataque à Baía dos Porcos, pelos contra revolucionários, foi derrotada pela resistência do povo cubano que defendeu o novo governo de Fidel e suas propostas.

Sente-se, transpirando no ar, um grande esforço de relembrar o período revolucionário. Essas mensagens estão por toda parte, não apenas nos painéis implantados pelo Estado, ao longo das rodovias ou principais vias urbanas, mas também em outros ambientes: o da universidade, o da vida privada etc.



Esse painel e o seguinte mostram como as limitações materiais têm atingido os cubanos



Em mais de um lugar em Havana, bem como em Camaguey, Cienfuegos e Matanzas vi espaços que abrigam os CDR – Comitês de Defesa da Revolução –, que tiveram origem ainda nos anos de 1960, como uma organização fundada por jovens que apoiavam a revolução e que se mantêm até hoje. Não sei que tipo de práticas políticas dá suporte a esses comitês, mas sempre que passávamos por um deles, via-se uma sala com livros e jornais, com um mobiliário simples, tipo algumas poltronas, e uma ou duas pessoas que estão ali, dando informações, aos que entram para pegar um folheto ou perguntar qualquer coisa.

Fico me perguntando quem sustenta esses comitês e se eles não teriam ligação direta (demais) com o Partido Comunista Cubano. Fico me perguntando, se há espaço para a emergência de outros partidos, na medida em que têm ocorrido mudanças no sentido de maior liberdade política e abertura econômica. Não sei, tampouco posso avaliar, quais seriam as consequências dessas mudanças, se a economia de mercado se imiscuir, demasiadamente, nessa experiência socialista.

Sempre que pergunto, aos motoristas de táxi, como está a situação em Cuba, eles respondem que está boa, mas é preciso melhorar a economia. Nenhuma referência à situação política, ou seja, à

permanência de uma ditadura do PCC, que ultrapassa cinco décadas. Um deles, quando perguntei se, para os cubanos, Raul Castro era melhor que seu irmão, Fidel, foi incisivo; “Para nós tanto faz um ou outro, desde que dêem continuidade a medidas que visem melhorar a situação econômica em Cuba”. Assim, foi fácil perceber que há consenso sobre a necessidade de abertura econômica, ao turismo e às iniciativas de pequenos negócios por conta própria.

Já fiz referência, em outros capítulos, aos *cuentapropistas* e, agora, vou escrever mais sobre o turismo. Ele tem papel importante na economia cubana atual, porque é o modo mais rápido de aumentar a entrada de divisas, sem ter que aguardar os resultados de outros tipos de políticas que poderiam ser colocadas em prática (e estão sendo, ainda que de forma modesta), como a de industrialização.

Quando a revolução tornou-se vitoriosa, todas as empresas foram estatizadas. Segundo Eduardo, quando pertenciam a cubanos que não deixaram o país, eles foram indenizados. As que eram de estrangeiros ou de cubanos que abandonaram Cuba foram tomadas pelos revolucionários.



Nessas duas fotos, mais duas mensagens para se fazer reviver o espírito de luta da revolução, lembrando-se da necessidade, agora, de foco na dimensão econômica.



Os painéis associam os ideais da revolução à imagem de seus líderes

Um bom exemplo do que ocorreu, está registrado nos painéis fotográficos do atual Trip Habana Libre Hotel, um gigantesco prédio, cuja construção foi concluída em 1958, pelo grupo Hilton Hotéis. Trata-se

de uma edificação moderna de 25 pavimentos, onde nos hospedamos, e pudemos ver a suntuosidade das instalações: quatro ou cinco restaurantes, sala de espetáculos de música e dança para turistas (o que aqui eles chamam de cabaré), piscina, enorme *hall*, algumas centenas de apartamentos ao estilo americano, espaçosos e iluminados pela vista para o mar, pois apesar de estar a cerca de 700 metros do Malecón, ele se encontra numa porção mais elevada do sítio urbano, no bairro Vedado, o que possibilita que, de várias janelas, possamos vislumbrar o verde-azul do Atlântico nessas paragens.

Ele foi ocupado pelo grupo revolucionário, logo após a chegada a Havana e, a partir desse símbolo do capitalismo americano, os jovens que tomaram o poder comandaram a ilha, instalando o governo provisório num dos andares desse enorme hotel.



Hoje o Trip Habana Libre Hotel pertence ainda ao Estado, mas o grupo espanhol Meliá tem parte das ações e influencia na sua administração.

Esse mesmo grupo, depois da revolução, já construiu novos hotéis, em Havana e, sobretudo em Varadero, um espaço totalmente produzido para o turismo.

Essa longa restinga já tinha sido descoberta pelas famílias cubanas ricas e por empresários estrangeiros, muito bem sucedidos, na primeira metade do século XX. Aí ergueram mansões, entre elas a mais famosa, edificada pelo Sr. Du Pont, a partir de 1927. Assim, que a revolução se tornou vitoriosa, várias dessas construções foram tomadas e muros, que fechavam os parcelamentos urbanos, foram derrubados.



Casa Dupont em Varadero

A segunda onda construtiva nessa restinga é pós-revolucionária e se trata de hotéis e resorts de alto luxo. Para se ter acesso a esse espaço, paga-se um pedágio, para percorrer a autopista que a corta de oeste a leste, Dois C.U.C, na entrada e mais dois, na saída. Lamentei não ter podido fotografar o painel que está logo depois da cabine do pedágio,

onde está escrito mais ou menos o seguinte: “Tudo que se arrecada em Varadero é para ser convertido para os cubanos”. Não duvido da afirmativa, mas sinto nela toda preocupação de que é importante convencer à nação, que a abertura para o turismo tem objetivo maior e deve ser legitimada por todos.

Varadero é um paraíso. A maravilha da água verde-azul limpíssima. O bom estado das construções, em contraste com as antigas pouco preservadas de Havana. O excelente atendimento dos funcionários – empregados estatais. A fartura de comida e de bebida, num país em que o racionamento de alimentos, dos anos de 1990, ainda está na lembrança dos cubanos. É como se existisse a Ilha da Fantasia.

Há muita expectativa das pessoas em relação ao turismo, porque ele oferece, a quem trabalha neste setor, C.U.Cs., o que significa grande ampliação do poder de compra. Como os investimentos necessários são altos, todos eles são compartilhados e resultam em propriedade mista – 51% do Estado e as ações restantes das empresas estrangeiras, que atuam no ramo.

Em Havana, na porção do centro histórico, também há hotéis de alto padrão, instalados em antigas edificações de grande valor histórico, como resultado da Oficina del Historiador de Cuba, que obteve recursos para recuperar os prédios de maior valor arquitetônico, neles instalou ou reinstalou hotéis, que sendo, agora, explorados são fonte de arrecadação da oficina para continuar sua política de restauração do patrimônio. Entre esses hotéis, posso destacar o Santa Izabel, que fica em frente à Plaza de Armas e de costas para o canal de entrada da baía. Suponho que ele seja ocupado, sobretudo por europeus, porque o preço da diária, na temporada, é de cerca de 180 dólares, o que não é muito para quem paga em euros, mas é caro para um brasileiro de padrão médio.

Quais os países de origem dos turistas? Todos são unânimes em dar o primeiro lugar para os canadenses, seguidos pelos ingleses, alemães e franceses. Os estadunidenses também estão por aqui, mas em número muito menor. Entre os latinoamericanos, os mexicanos e argentinos ganham o troféu e os brasileiros ainda são poucos, embora esteja aumentando a presença deles na ilha, nos últimos anos. É impressionante como os motoristas são bem informados, porque ao exporem esses dados, mais de uma vez, relacionaram esse aumento à melhoria da economia brasileira e acrescentavam que gostariam de vir trabalhar no Brasil.

Politicamente falando, o grande apoio que os cubanos recebem hoje vem da Venezuela, do *compañero* Chávez, que tem feito investimentos em Cuba e muita propaganda de si mesmo e de sua proposta socialista, tanto na televisão, como nos painéis. Tivemos uma super dose de Chávez, porque nesta primeira semana de julho de 2011 ele estava em Cuba, onde havia feito uma cirurgia para extirpar um tumor cancerígeno e, diariamente, os jornais tratavam de expor o sucesso da intervenção e, sobretudo, a amizade política que une os dois países.

Além do fornecimento de petróleo, fundamental para Cuba, é a partir da Venezuela, por meio de um cabo submarino que as condições de acesso à internet devem melhorar na ilha, assim que as instalações da rede em terra forem feitas. Também vimos, próximo às áreas industriais de Cienfuegos, um conjunto habitacional, feito com derivados de petróleo, portanto com plástico, que é parte das políticas de apoio da Venezuela à Cuba.

Muito se fala da ALBA – Alternativas Laborales Bolivarianas para las Américas – associação que reúne, além da Venezuela e de Cuba, a Bolívia e a Jamaica, se é que as informações que obtive estão corretas.



Há indicações de ações efetivadas no âmbito da ALBA em muitos cantos de Cuba, incluso no grande painel da entrada do conjunto habitacional financiado pela Venezuela.



Outro ponto que chama muita atenção e pode ser um ingrediente que ajuda a entender a permanência do mesmo grupo no governo por mais de 52 anos, é o bom padrão das escolas. Mesmo em bairros com as edificações degradadas, em Habana Vieja, é notável que a melhor construção é dedicada à escola primária. Em vários *pueblos*, pelos quais passamos, isso também era destacável. Há Universidades nas capitais das 18 províncias de Cuba e a de Havana, a mais respeitada, é muito grande ocupando vários prédios espalhados pelo bairro de Vedado.

A jovem argentina que estuda Medicina em Cuba foi enfática nos elogios à qualidade do ensino superior. No geral, nota-se um padrão de educação, entre os cubanos, muito elevado: sabem falar, sabem se comportar, argumentar e não são submissos, o que é indicador de um nível de escolaridade e informação, que não encontramos em outros países, como o próprio Brasil, onde as desigualdades socioeconômicas

são também culturais, o que não quer dizer que todos com elevado padrão de consumo tenham cultura.

Enfim, Cuba é paradoxal e vale a pena ser explorada.

Julho de 2011

Carminha Beltrão